

BAKHTIN, O LEITOR E A BRUXA URBANA: O EU, O OUTRO E O OUTRO
EU NA CONSTRUÇÃO DO DISCURSO ESTÉTICO DA NARRATIVA
FANTÁSTICA “PORÉM BRUXA” DE CAROL CHIOVATTO

*Bakhtin, the Reader, and the Urban Witch:
The Self, the Other, and the Other Self in the Construction of the Aesthetic Discourse
of the Fantastic Narrative 'However Witch' by Carol Chiovatto*

DOI: 10.14393/LL63-v40-2024-05

Rodrigo dos Santos Sbardelini*

RESUMO: Este estudo analisa criticamente a obra "Porém Bruxa" de Carol Chiovatto (2023), sob uma perspectiva interdisciplinar que combina teoria literária, crítica textual e estudos culturais. Utilizando as teorias de Bakhtin como uma lente interpretativa, investigam-se os diálogos entre autor, texto e leitor, considerando o contexto social e histórico em que a obra foi produzida. Reconhecendo a diversidade de leitores e suas diferentes interpretações, o estudo visa compreender a formação do leitor crítico e os significados entrelaçados na narrativa. Conclui-se que a figura da bruxa, complexa e multifacetada, atua como uma metáfora das dinâmicas sociais e culturais, desafiando normas e explorando fronteiras, refletindo a profundidade da experiência humana e a magia das palavras na vasta tapeçaria da literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Bakhtin. Bruxa. Leitor. Significado.

ABSTRACT: This study critically analyzes Carol Chiovatto's work "Porém Bruxa" (2023) from an interdisciplinary perspective that combines literary theory, textual criticism, and cultural studies. Using Bakhtin's theories as an interpretive lens, the study investigates the dialogues among author, text, and reader, considering the social and historical context in which the work was produced. Recognizing the diversity of readers and their varied interpretations, the study aims to comprehend the formation of the critical reader and the intertwined meanings within the narrative. It concludes that the figure of the witch, complex and multifaceted, acts as a metaphor for social and cultural dynamics, challenging norms and exploring boundaries, reflecting the depth of human experience and the magic of words in the vast tapestry of literature.

KEYWORDS: Literature. Bakhtin. Witch. Reader. Meaning.

* Mestrando do programa de Pós-graduação stricto sensu em Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. ORCID: 0009-0001-2134-2726. E-mail para contato: rodrigo.sbardelini1(AT)gmail.com

1 Introdução

A magia da literatura desdobra-se como um intrincado enigma, onde as palavras, habilmente entrelaçadas pelos autores, transcendem as barreiras do tempo e espaço para dar vida a mundos singulares e perspectivas multifacetadas. Nesse palco onde as letras dançam e os símbolos ecoam, emergem figuras intrigantes que há séculos têm cativado a imaginação humana, lançando feitiços de reflexão e provocando o início de uma jornada sobre as dinâmicas da vida e da estética. É assim que a teoria e a prática entram em contato de cisão em nome da busca pelo conhecimento; a ânsia de saber mais sobre o leitor crítico traz a luz as teorias de Bakhtin, o qual, irrompe como uma lanterna iluminando os bastidores dessa arte, oferecendo uma lente através da qual podemos vislumbrar a interação constante entre a criação textual e a experiência do leitor.

No emaranhado de páginas que compõem uma obra literária, cada leitor assume o papel de coautor, trazendo consigo uma bagagem cultural única e uma visão de mundo moldada por suas próprias vivências (Reis, 1992). Nas palavras de Bakhtin (2017), a interpretação de um texto é um diálogo entre o autor, o leitor e o contexto social, um diálogo que ecoa com vozes variadas e enriquece a tessitura do significado subjacente. A bruxa, com seus mistérios e ambiguidades, se torna uma musa provocadora desse diálogo, incitando uma dança de interpretações que enriquecem a trama com uma multiplicidade de perspectivas, pensando assim, este estudo tem como foco principal a análise crítica da obra *Porém Bruxa* de Carol Chiovatto (2023) e os diálogos com seu leitor. *Porém Bruxa*, que compõe o corpus deste estudo, é uma obra contemporânea brasileira, publicada inicialmente em 2019 pela AVEC Editora, recentemente ganhou uma nova edição, dessa vez publicada pela editora SUMA – selo de literatura fantástica da Editora Companhia das Letras. Essa nova edição conta com uma carta para os fãs da obra e dois contos inéditos. A trama gira em torno de Ísis, uma bruxa que, apesar de ciente de suas limitações em se envolver em questões humanas, constantemente quebra as regras ao ajudar seus amigos “comuns”, principalmente a delegada Helena, em casos não sobrenaturais. O desaparecimento de uma garotinha inicia uma série de eventos que a leva a se envolver em outros dois casos misteriosos, e Ísis começa a suspeitar que há uma conexão entre eles, possivelmente envolvendo outro bruxo. Com a ajuda de seus amigos e de Victor,

seu Corregedor (chefe), ela gradualmente desvenda os segredos por trás desses casos complexos.

A literatura é, por si só, um espelho que reflete as estruturas e os pensamentos de uma era específica. Assim como a poção da bruxa é um espelho de suas intenções e habilidades, as obras literárias também capturam os anseios, desafios e as inquietações de seu tempo. Ao mergulhar nas páginas de um romance, o leitor não apenas se depara com personagens fictícias, mas também com reflexos de valores e ideologias que moldaram a sociedade da época. É nesse contexto que a figura da bruxa, desde muito marginalizada (Federici, 2023) – e aqui quando evoca-se a expressão “marginal” ou “marginalizada” é com a intenção de referir-se a algo a margem da sociedade, esquecida e/ou deixada de lado; em nada se relaciona com o movimento da literatura marginal, até porque a obras que compõe o corpus deste estudo em nada têm de marginal, afinal fora publicada por uma grande editora – e complexa, ganha um papel emblemático, desafiando normas e explorando fronteiras, assim como a literatura em si.

A compreensão do significado na literatura transcende a mera decodificação de palavras; é uma exploração profunda das nuances, das entrelinhas e dos ecos que ressoam na mente do leitor. Quem também possui papel fundamental dentro desta análise, pois ao abordar o espectro “leitor” não se está lidando apenas com um desenho de perfil uniforme, mas sim, “leitores” (Manguel, 2017); bem como os arquétipos da personagem, como a figura da bruxa, enigmática e multifacetada, os tipos de leitores estão presentes e são peças fundamentais para compreensão de como se forma o leitor crítico a partir da obra de Chiovatto, ou seriam “os leitores críticos”? Extrapolando esse conceito traçando uma comparativa à figura da bruxa é como uma chave mestra para essa exploração. Ao desvendar seus segredos, o leitor também desvenda os próprios enigmas da vida, mergulhando no turbilhão de emoções, pensamentos e valores que compõem a experiência humana. Portanto, é com olhos abertos à magia das palavras e à provocação estética das bruxas literárias que nos aventuramos a compreender a profunda sinfonia de significados entrelaçados na vasta tapeçaria da literatura.

O artigo se estrutura em uma abordagem interdisciplinar que combina teoria literária, crítica textual e estudos culturais. A metodologia adotada baseia-se em uma análise crítica da obra "Porém Bruxa" de Carol Chiovatto (2023), explorando os diálogos entre o texto e seus leitores. Utilizando as teorias de Bakhtin como uma lente interpretativa, busca-se compreender

como a interação entre autor, texto e leitor influencia na construção de significados. Além disso, o estudo considera o contexto social e histórico em que a obra foi produzida, destacando o papel da figura da bruxa como uma metáfora das dinâmicas sociais e culturais de sua época. A análise também contempla a diversidade de leitores e suas diferentes interpretações, reconhecendo a complexidade do processo de leitura e a formação do leitor crítico. Por meio dessa abordagem, o artigo propõe uma reflexão sobre os significados entrelaçados na obra literária, destacando a magia das palavras e a provocação estética das bruxas literárias como elementos-chave na compreensão da experiência humana. As seções subsequentes explorarão temas como a construção da personagem da bruxa, os diálogos intertextuais presentes na obra, a influência do contexto histórico na narrativa e a diversidade de leituras possíveis, culminando em uma análise aprofundada dos significados e das reflexões provocadas pela obra de Chiovatto.

2 A personagem da bruxa em perspectiva histórica cultural

A imagem da bruxa é uma das mais icônicas e fascinantes figuras da literatura, permeando a imaginação humana há séculos e, provavelmente, a primeira coisa que vem à mente de muitos ao se mencionar uma "bruxa" é a imagem de uma velha senhora corcunda, nariguda, com uma verruga na ponta do nariz. Essa imagem, entretanto, passou por uma transformação significativa ao longo do tempo, dando lugar a uma representação mais complexa e empoderada, tal mudança na percepção dessa imagem está intrinsecamente ligada a questões políticas, particularmente relacionadas à história das mulheres e ao capitalismo.

Para compreender a evolução da figura da bruxa no contexto literário, é essencial entender as raízes históricas dessa imagem; durante séculos, a bruxa foi retratada como uma figura maligna, associada a práticas diabólicas e ameaçadoras para a sociedade, a imagem da velha bruxa com sua vassoura e caldeirão servia como um símbolo do desconhecido e do perigoso. Tais percepções podem ser explicadas por um rápido resgate acerca da história das mulheres e o capitalismo, quem diria não é mesmo? Mas sim, a percepção inconsciente que se cria em uma grande gama do público acerca de uma personagem como um ser maligno, está intrinsecamente ligada a questões políticas.

Federici (2023) defende que a figura da bruxa passou a simbolizar a resistência feminina contra o sistema opressivo do feudalismo, pré-capitalismo; onde as bruxas eram mulheres que desafiavam as normas sociais, que detinham conhecimento sobre ervas medicinais e que, muitas vezes, atuavam como curandeiras. Elas representavam uma ameaça ao establishment, pois ofereciam alternativas ao sistema médico controlado pelos homens e à religião institucionalizada.

Assim, a autora explora o raciocínio acerca da história do capitalismo e como ele, enquanto sistema dentro de “um mundo de sujeitos femininos”, precisou destruir e subjugar toda e qualquer persona que fosse contra os seus preceitos como “a herege, a curandeira, a esposa desobediente, a mulher que ousava viver só, a mulher obeah que envenenava a comida do senhor e incitava os escravizados à rebelião” (Federici, 2023, p. 32).

A literatura desempenhou um papel fundamental na transformação da figura da bruxa, à medida que a sociedade avançava para uma compreensão mais igualitária e progressista, as bruxas nas histórias começaram a ser retratadas de maneira mais positiva, elas se tornaram símbolos de empoderamento feminino, coragem e inteligência, um claro exemplo dessa mudança é a bruxa Hermione Granger da série *Harry Potter* de J.K. Rowling. Hermione é uma personagem perspicaz, inteligente e que usa sua magia e sagacidade para resolver problemas, desafiando estereótipos de gênero e empoderando uma nova geração de leitores. Além disso, a figura da bruxa também evoluiu para representar a diversidade e a inclusão; atualmente, vemos bruxas de diferentes origens étnicas, orientações sexuais e identidades de gênero nas obras literárias e isso reflete a crescente conscientização sobre a importância da representatividade na literatura e a aceitação da diversidade.

Existem espaços na cultura que resguardam memórias e códigos da “caça às bruxas”. São como calabouços, porões, bolsões de ódio. O ruído dessas constelações é aniquilador, extremo, visa se impor e para isso vale-se de todas as estratégias que estão ao seu alcance. Embora essa base se mostre pequena muitas vezes, é extremamente ruidosa e organizada. Quando ameaçada, pode recuar, mas sempre tenta promover algum estrago. Pode agir aniquilando as forças mais criativas e periféricas, mirando nelas como alvo e as exterminando-as. (Gonzatti, 2022, p. 284)

Mesmo com o avanço da narrativa da bruxa para algo bom, sempre é bom salientar que existem ainda seus, “porém”; Apesar do avanço na representação positiva das bruxas na

literatura, ainda existem espaços culturais onde perduram memórias e códigos associados à perseguição e discriminação contra as bruxas. Esses espaços geralmente partem de grupos fundamentalistas e hostis, enraizados na crença negativa da bruxa, bem como mencionado anteriormente as colocações de Federici (2023), os quais servem como fonte de ódio e resistência às mudanças progressistas na ressignificação dessa figura.

Vale lembrar que a imagética dessa personagem carrega consigo outras tantas lutas de representatividade, como as identidades de gênero e orientações sexuais, como aponta Gonzatti (2022), ao comparar a caça às bruxas aos movimentos ideológicos anti-diversidade de gênero e sexualidade. Lembremos também que a expressão “caça às bruxas” se tornou sinônimo de toda e qualquer perseguição ideológica injusta, mesmo de cunho político. Por exemplo: se você pesquisar “lava jato” e “caça às bruxas”, verá que essa expressão foi utilizada constantemente. Todavia a evolução da figura da bruxa na literatura é um testemunho do poder da narrativa para refletir e influenciar a sociedade a partir da provocação de um pensamento crítico do leitor. Como quando Chiovatto (2023) alça ao protagonismo Ísis Rossetti, uma bruxa detetive que conta com a ajuda de Dulce Vitória, uma mulher trans e a delegada Helena, uma mulher preta responsável por uma delegacia da mulher na São Paulo diegética de *Porém Bruxa*.

3 O papel do leitor na obra literária

Neste estudo, partimos de um extremo ao outro a despeito de como a literatura evoluiu a partir dos clássicos e cânone literário para um contexto de literatura no mundo digital, resultando no fenômeno da literatura colaborativa e seus mais absurdos desdobramentos – como a creepy pasta, por exemplo –, onde o leitor, a partir de uma necessidade própria de querer fazer parte da obra, além da interpretação que, até então era a única coisa que lhe cabia, toma para si o papel de protagonismo dentro de uma obra e torna-se o leitor criador. Partindo desta perspectiva, elaborou-se a seguinte hipótese: a jornada do leitor é uma busca constante pelo significado de sua própria existência, onde ele experimenta diferentes vivências. Em *Porém Bruxa*, Chiovatto – por meio da criação de uma narrativa extraordinária – estabelece analogias utilizando artifícios lúdicos, como magia e superpoderes, para abordar questões cotidianas mundanas, como quando subverte os papéis de protagonismos, comumente

ocupados por homens (o herói, o detetive, o delegado etc.), que em sua narrativa passam a ser papéis femininos, mantendo o arquétipo, apenas trocando o gênero das personagens; assim como mostrado na narrativa:

Ela largou a bolsa no sofá e, ao se endireitar, levou as mãos aos cabelos crespos, tentando ajeitar os fios úmidos pela garoa daquela manhã, armando-os ainda mais sem perceber. – Não saí da delegacia a noite inteira, só pra pegar um misto na padaria. Tava horrível por sinal.

— Café?

— Por favor.

Ela se acomodou à mesa da cozinha enquanto eu passava o café e pegava as xícaras.

— Qual a boa?

— Desaparecimento. A mulher já sofreu violência doméstica. Retirou a queixa duas vezes, faz três anos. Ontem o filho veio denunciar o sumiço da mãe e acusar o padrasto. (Chiovatto, 2023, p. 17)

No fragmento acima, é possível perceber a típica figura do “delegado” preocupado, envolvido em um caso cansativo e que o deixou acordado a noite toda, entretanto, neste caso estamos falando de uma delegada neste mesmo contexto, potencializado pela violência sofrida por uma outra mulher; assim, trazendo a discussão sobre violência de gênero. Consequentemente, ao exercitar sua percepção crítica do mundo e de si mesmo, com base no texto, o leitor tende a desenvolver uma maior empatia, mesmo em relação a realidades distantes da sua própria experiência.

Todavia, ao partir desta hipótese, é necessário considerar também que esse leitor tenha um mínimo de relação com as vivências da personagem da narrativa; Chiovatto (2023) traz isso em seu romance muito bem quando abre a primeira cena de PB (Porém Bruxa) com um pensamento narrado da personagem protagonista: “Ir a pé teria sido uma opção melhor, mas não rápida. A luz do metrô piscou, e assim, sem mais nem menos, o trem parou” (Chiovatto, 2023, p. 9).

Aqueles acostumados a andar de metrô provavelmente compartilham do medo de ficar preso no subterrâneo devido a uma pane elétrica do transporte, ou algo do gênero. Uma escolha muito interessante da parte da autora, provocar no leitor essa identificação com a personagem através do medo, aqui se constrói um ponto de ligação entre personagem e leitor; poderia até afirmar que é este o momento de cisão entre o real e o fantástico dentro desta

narrativa, o que Todorov (2014)¹ chama de ponto de hesitação, quando há esse momento de respiro entre o real e o “não real”, pois, logo após esse pensamento da personagem, a sequência da cena entrega o teor insólito da narrativa.

Cravei os olhos no imenso corredor subterrâneo que abrigava os trilhos entre as estações Butantã e Pinheiros, onde a comoção sísmica estava acontecendo. As luzes também haviam se extinguido ali. Veio outro tremor, um pouco mais insistente do que aquele responsável por me tirar de casa numa quinta chuvosa pouco antes de a estação Butantã fechar as portas.

Não era dos naturais e, portanto, eu tinha o dever de investigar sua origem e extirpá-la. Não senti aura bruxa nas imediações, mas havia alguma coisa externa ao plano material: marcas divinas raras de se encontrar em qualquer parte do mundo atualmente. Eu mal as reconhecia. (Chiovatto, 2023, p. 9)

É curioso perceber que neste momento, também, ocorre o pacto do leitor (Manguel, 2017), quando esse compra a ideia de narrativa do autor, relacionando-se com ela, mais que isso, naquele momento tendo para si que – dentro desta narrativa – o que lhe é contado, agora, é real.

Manguel (2017) explora a ideia da elevação do leitor à posição de protagonista na experiência da leitura e argumenta que a interpretação de um texto é profundamente influenciada por sua perspectiva e experiência. Cada leitor traz consigo um conjunto único de conhecimentos, experiências e preconceitos que moldam sua compreensão do texto. Dessa forma, o leitor não é apenas um observador passivo, mas um cocriador da narrativa.

Neste aspecto o autor apresenta o leitor de tal forma que é até possível ousar a extrapolar sua visão, um pouco, e propor que ele, o leitor protagonista e cocriador, integra a obra como parte primordial, não apenas como um contemplador, mas também como uma personagem da narrativa. Afinal, o leitor já é responsável por preencher as lacunas deixadas pelo autor no texto, de maneira que esses “vazios” estéticos tenham sido compostos, de maneira premeditada, para que fossem preenchidos pelo leitor cocriador (Jauss, 2001). Ao mesmo tempo, Iser (2001), diferente de Jauss, afirma que cabe ao leitor esse papel de decidir

¹ A utilização da teoria do fantástico de Todorov neste artigo se justifica pela sua pertinência dentro do escopo proposto. Embora reconheçamos a existência de teorias mais atualizadas sobre a terminologia da literatura fantástica e de fantasia, como aquela proposta por Farah Mendlesohn em seu livro *Rhetorics of Fantasy* de 2008, entendemos que as reflexões de Todorov ainda mantêm sua relevância para a análise em questão. Além disso, Mendlesohn oferece uma qualificação mais precisa para obras como "Porém Bruxa" dentro do subgênero da fantasia urbana, proporcionando uma perspectiva mais ampla e detalhada sobre a classificação dessas narrativas.

se irá ou não preencher essas lacunas que o autor chama de “pontos de indeterminação”, ou seja, eleva o leitor a um papel protagonista decisivo, não de protagonista da narrativa, mas protagonista da obra estética em si. Há uma sutil diferença entre as duas linhas de raciocínio, Jauss fala que as lacunas interpretativas dentro de um texto literário indubitavelmente irão ser preenchidas pelo leitor; ao mesmo tempo, que seu pupilo Iser contrapõe-se de certa maneira a essa visão dizendo que sim, pode ser que o leitor preencha essas lacunas interpretativas, mas também, pode ser que não e isso irá depender de sua bagagem interpretativa.

A maneira como lemos e interpretamos a literatura reflete e influencia nossos valores, crenças e identidades culturais dentro do contexto de convívio social. Os leitores, assim como os textos que escolhem ler, são moldados pelas sociedades em que vivem, as quais podem ser vistas como uma metáfora para a diversidade de perspectivas e experiências presentes em uma sociedade; cada leitor representa uma voz única e, quando essas vozes se encontram na discussão literária, ocorre um diálogo cultural valioso, e isso, destaca a importância da literatura como uma forma de compreender e abordar as complexidades da sociedade.

Em primeiro momento, parece simples falar que a “[...] “literatura fantástica” refere-se a uma variedade da literatura ou, como se diz comumente, a um gênero literário” (Todorov, 2014, p. 7); Pode-se tomar como base a percepção de Wellek e Warren (2003) que tratam gêneros literários, não pelo tempo ou espaço, mas sim por uma percepção de organização e estrutura literária. Mesmo assim, é interessante ressaltar que Todorov debruçou-se sobre o tema e levantou, para além de uma forma de organização, algumas problemáticas como: é possível se ter o direito de analisar um gênero literário, sem ter lido tudo desse gênero? Ou quantos gêneros existem, seriam eles uma cadeia infinita ou finita de organização? Brevemente, segundo as palavras do próprio autor, para qualquer estudo acadêmico é necessário partir de um ponto zero, uma hipótese, ou seja, sim se pode estudar um gênero sem ter lido tudo, ao mesmo tempo que a segunda questão de Todorov cai numa espiral conceitual de: é realmente necessário responder esse questionamento? A hipótese desse estudo diz que não, afinal, o conceito de gênero literário é muito extenso e com tantas vertentes que renderia sozinho um estudo só para si. Então, voltando à linha de raciocínio do autor que é de interesse, por fim Todorov (2014) chega ao que ele chama de “terceiro problema” que é o problema da estética, “[...] pois a obra é essencialmente única, singular, vale pelo que tem de inimitável, de diferente

de todas as outras obras, [...]”, mas não seria o singular parte de um todo no final? Bakhtin (2020) chama isso de ‘o todo individual’, fala que o ato estético de performar o todo é ter a compreensão de que só se pode vivenciar sua individualidade, não se pode viver o todo sem sua unicidade.

Cada um de meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singular responsável meu; é um dos atos de que se compõe a minha vida singular inteira como agir ininterrupto, porque a vida inteira em sua totalidade pode ser considerada como uma espécie de ato complexo: eu ajo com toda minha vida, a cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir. Tal pensamento, enquanto ato, forma um todo integral: tanto o seu conteúdo-sentido quanto o fato de sua presença em minha consciência real de um ser humano singular, precisamente determinado e em condições determinadas – ou seja, toda a historicidade concreta de sua realização – [...]. (Bakhtin, 2020, p. 44)

Posto isso, Bakhtin (2011) traz uma outra reflexão sobre o ato estético da vida, ou até mesmo de um viver literário de uma obra, onde ele afirma que não nos interessa o todo da vida de uma pessoa, mas sim, apenas algumas partes; nas quais ele performa os atos estéticos que nos instigam e interessam, assim se faz com a literatura. Por isso, o momento de hesitação na narrativa fantástica é tão primordial dentro da obra, “[...] esta regra de identificação, de uma condição facultativa do fantástico: este pode existir sem satisfazê-la; mas na maior parte das obras fantásticas submeter-se a ela” (Todorov, p. 37, 2014). Essa hesitação da personagem de Chiovatto, Ísis, dentro da narrativa é o ponto de impacto em que ela se conecta com o leitor, pelo simples fator cotidiano “andar de metrô”, e pode até ser invertida essa ótica e esse ser o momento de hesitação do próprio leitor, em que ele: hesita entre o “real” e o extraordinário, assim, firmando o pacto do leitor resultando no realismo fantástico.

Olhei a tela. — Fê, tudo bem?

A voz do outro lado da linha veio embargada pelo choro: — Zi, tudo bem? Você pode me encontrar no terreiro?

— Indo praí. O que aconteceu?

— Depredaram o terreiro todo durante a noite, quebraram imagens, destruíram tambores...

— Evangélicos?

— Só pode. A vó tá com pressão alta, mas ela precisa falar com você e não vai arredar o pé daqui pra um hospital até conseguir.

— Você tá com ela? Tô indo.

— Tô sim. Até já. (Chiovatto, 2023, p. 20-21)

Neste trecho acima a autora traz uma problemática cotidiana de muitas pessoas que praticam religiões que não são o cristianismo, principalmente aquelas de matrizes africana, sem nem ao menos fazer analogias, apenas coloca o dedo na ferida, para falar sobre a intolerância religiosa. Isso estabelece o papel fundamental do gênero fantástico nessa formação crítica de leitores, a provocação da empatia, resultando na criação de sujeitos mais empáticos e reflexivos em sua existência.

E é necessário tomar muito cuidado para não cair em uma leitura rasa e formar hipótese acerca de que o leitor (literário) que se entregue ao pacto proposto pela autora nesta obra partilha dos mesmos valores axiológicos da autora; a problemática desta afirmação se encontra no fato de que a literatura não é uma expressão de si para si mesmo e os seus. Além de redundante reduz a literatura à um ato narcísico, o qual não teria um papel relevante no mundo, propriamente dito. Não. Mas, é a partir daqui que é possível voltar-se à questão de forma mais precisa e atenta, pois, na hesitação de Todorov, o leitor literário abre-se a possibilidades infinitas e conecta-se à personagem a partir de suas angústias, não por seus valores, mas pelos seus medos e anseios.

Como um bruxo que vai dosando poções que se misturam num mágico caldeirão, o escritor recorre aos artifícios oferecidos pela linguagem, a fim de engendrar suas criaturas. Quer elas sejam tiradas de sua vivência real ou imaginária, dos sonhos, dos pesadelos ou das mesquinhas do cotidiano, a materialidade desses seres só pode ser atingida por meio de um jogo de linguagem que torne tangível a sua presença e sensíveis os seus movimentos. (Brait, 2017, p. 73)

Esse ‘identificar-se’ do leitor com a personagem através do trauma e do medo é exatamente o jogo de palavras e dosagens de poções no caldeirão da escritora, apontado por Brait, e Chiovatto o faz de maneira magistral, a cada novo desafio que surge na narrativa de Ísis, a cada resgate traumático de seu passado, aproxima sua personagem da realidade social contemporânea. Tecendo essa trama de conexões empáticas, expondo a luz da clareza traumas, medos, anseios e gatilhos que a sociedade tende a varrer para debaixo do tapete; como desaparecimento de mulheres e até mesmo casos de feminicídio. O trabalho literário da autora nesta obra, é o de utilizar sua personagem como plataforma de discussão de temáticas polêmicas e que possam causar fortes debates, mas que, entretanto, por estar inserido dentro

de uma narrativa literária torna-se mais palatável aos leitores provocando e uma cisão de conflitos.

Mesmo aqueles que discordam do modo como essas temáticas são encaradas pelo protagonista tomam seu lugar como leitor e absorvem esse debate de uma nova perspectiva, que o provoca a refletir sua realidade. Ou seja, pelo que vimos até aqui entendemos que a interpretação do texto não é passiva, mas ativa; o leitor é colocado em um papel ativo e co-criativo na experiência literária, especialmente através do conceito da teoria da recepção. Ao estabelecer pontos de conexão entre a narrativa e a vida cotidiana do leitor, busca-se provocar uma identificação emocional. Isso é feito através do uso de elementos familiares, como o medo de ficar preso no metrô, ou questões sociais relevantes, como a violência doméstica e a intolerância religiosa. Cada leitor traz consigo sua bagagem única de experiências, conhecimentos e preconceitos que moldam sua compreensão da narrativa. Assim, o leitor não apenas recebe a história, mas também a interpreta e a reconstrói com base em sua própria perspectiva.

4 O heterodiscurso entre o eu e o outro e as estilísticas narrativas de Porém Bruxa

A pluralidade de discurso, ou melhor, um heterodiscurso, nas primeiras linhas da narrativa são características inegáveis da obra. Primeiro é apresentado ao leitor um discurso indireto: “Somos as filhas de todas as bruxas que vocês não conseguiram queimar” (Chiovatto, 2023, p. 11); já na sequência um discurso direto do narrador, o qual também esclarece que o discurso narrativo é feito pela personagem Ísis, também protagonista da narrativa: “Bem poderia ser verdade: a Inquisição nunca conseguiu queimar uma bruxa sequer, então a descendência das legítimas é extensa. Sei disso de fonte segura: sou uma delas, afinal.” (Chiovatto, 2023, p. 11); Neste heterodiscurso discordante entre narrado-personagem e um outrem é possível identificar o que Bakhtin (2020) chama de “discurso difuso do outro”, onde há uma estilização paródica do discurso de um outro “interrompida pelo discurso direto [...] do autor, que personifica (sem refração) as intenções semânticas e axiológicas do autor.” (Bakhtin, 2020, p. 80).

Isso acontece quando a personagem comenta o outro discurso, criando uma fricção discursiva no heterodiscurso da cena por meio de um pensamento de que na realidade a caça

às bruxas não matou nenhuma bruxa se quer. Reforça que se tratou apenas de uma histeria religiosa que acarretou na morte de muitas mulheres (e homens também, mas em sua maioria mulheres). Chiovatto nos introduz à psique da protagonista ao apresentar esse discurso, construindo o todo semântico axiológico da personagem.

Após o prólogo e abertura do primeiro capítulo, firma-se a principal característica da obra, trata-se de uma narrativa em primeira pessoa, que por vezes, apoia-se na diversidade discursiva como apoio linguístico para constituir o todo estético narrativo. Tal decisão da autora, permite ao leitor entrar na mente da protagonista e entender suas emoções, pensamentos e perspectiva pessoal sobre os eventos.

Ao levar a narrativa entre cena e pensamentos da personagem, a autora descreve de maneira sutil, a personalidade observadora da protagonista. Ao decorrer da narrativa, Ísis é habilmente construída, destacando-se alguns traços como sua rebeldia em relação às convenções normativas dos bruxos – o que pode ser interpretado como uma analogia direta com as convenções e imposições normativas sociais que o próprio leitor encontra –, mas também por sua notável maturidade. A narrativa apresenta uma diversidade de vozes e perspectivas através do heterodiscurso, combinado com a visão em primeira pessoa da protagonista, Ísis. Essa estrutura permite que diferentes leitores se identifiquem com Ísis e os temas explorados, pois, nesse entrelaçamento de diferentes vozes, tais temas são expostos como conflitos em curso, não como respostas prontas. Ao desafiar as normas sociais, abordar questões contemporâneas como violência doméstica e preconceito religioso, e humanizar a personagem com seus conflitos internos, a obra estimula um pensamento crítico nos leitores. Essa conexão profunda com a narrativa não só os envolve emocionalmente, mas também os desafia a refletir sobre suas próprias convicções e experiências diante dos dilemas éticos e sociais apresentados.

Chiovatto (2023) descreve bem o ambiente urbano de São Paulo, criando uma atmosfera realista. A cidade é retratada como um lugar em constante mudança, o que pode ser visto como uma metáfora para a própria vida da protagonista, além de sustentar a agilidade em como a narrativa se desenrola rapidamente dali em diante; mesmo sendo cuidadosa aos detalhes, a obra possui um ritmo rápido e empolgante, muito provavelmente responsável por prender a atenção do leitor.

A primeira cena do romance leva o leitor a conhecer melhor não apenas a protagonista, mas também Murilo, amigo e amante (ocasionalmente) de Ísis, ambos os personagens são complexos e têm suas próprias peculiaridades, característica que se apresenta no diálogo entre os dois. Bakhtin enfatiza a importância do diálogo, da polifonia e do heterodiscurso na construção do significado em textos literários e na comunicação em geral. Em uma análise basilar do recorte literário acima é possível identificar estes aspectos no texto de Chiovatto, o qual apresenta várias vozes e perspectivas diferentes. Há a voz do narrador, a de Murilo, e da personagem principal, que por acaso também é o narrador, mas o interessante é visualizar esse dialogismo entre as vozes, uma diferenciação entre narrador e personagem; a polifonia criada na coexistência das vozes e seus entrelaçamentos enriquece o texto em sua totalidade.

O dialogismo desempenha um papel importante na história, revelando informações sobre os personagens e avançando na trama, criando um diálogo constante, as referências a divindades gregas e termos técnicos demonstram um diálogo intertextual com conhecimentos culturais e linguísticos mais amplos. Além disso, a obra também mostra uma interessante dinâmica entre as personagens Ísis e Murilo, ao descrever a relação de longa data com toques de humor e tensão sexual; ao analisar a interação e a maneira como a narrativa as retrata, apesar de não verbalizar dentro de um diálogo, ou se quer explicar ao decorrer da narrativa, trata-se da descrição de uma relação extremamente contemporânea, a qual se compromete com um leitor jovem adulto específico, aqueles que estão abertos a ler, compreender e minimamente interpretar a complexidade de um relacionamento aberto.

[...] o homem é o centro organizador do conteúdo-forma da visão artística, e ademais que é um dado homem em sua presença axiológica no mundo. O mundo da visão artística é um mundo organizado, ordenado e acabado independentemente do antedado e do sentido em torno de um homem dado como seu ambiente axiológico: vimos como em torno dele se tornam artisticamente significativos e concretos os elementos e todas as relações – de espaço, tempo e sentido. Essa orientação axiológica e essa condensação do mundo em torno do homem criam para ele uma realidade estética diferente da realidade cognitiva e ética (da realidade do ato, da realidade ética do acontecimento único e singular do existir), mas, evidentemente, não é uma realidade indiferente a elas. Depois verificamos a diferença axiológica profunda, essencial e de princípio entre o eu e o outro, diferença essa que tem caráter de acontecimento: fora dessa diferenciação não é possível nenhum ato axiologicamente ponderável. (Bakhtin, 2011, p. 173)

Bakhtin também disserta sobre como a “linguagem peculiar do romance é sempre um ponto de vista peculiar sobre o mundo” (Bakhtin, 2017, 124), e a construção narrativa em PB entrega ao leitor exatamente essa visão utilizando-se de ferramentas linguísticas para que ocorra essa construção e concretização daquilo que está sendo narrado. Este constructo é feito por intermédio do ideologema da autora, em casamento com a, então narrada, visão axiológica da personagem.

À medida que o romance avança, mais dois casos surgem nas mãos de Ísis, o primeiro trazido por sua amiga delegada da delegacia da mulher, Helena, uma mulher preta que luta pelos direitos das mulheres, principalmente daquelas que sofrem algum tipo de abuso e/ou são violentadas. E neste ponto da narrativa, a Chiovatto se escora em outra estratégia linguística do seu discurso: a ironia.

Uma leitura provável que se pode fazer de PB, mesmo em uma leitura despreziosa, é a ironização (Brait, 2008) dos papéis de personagens e inversões de gêneros, geralmente atribuídos à tais papéis. Como o caso da personagem “delegado”, onde em narrativas usuais comumente é uma figura ocupada e descrita por um homem branco, muitas vezes com bigodes protuberantes como sinal de *masculinidade*.

Não por acaso a palavra “masculinidade” foi posta em itálico na última frase, mas para chamar atenção no jogo de discurso irônico proposto por Chiovatto, onde o herói com superpoderes é uma mulher, o “delegado” é uma mulher, e o apoio emocional fica a cargo de um homem bissexual que namora outro homem, mas corriqueiramente tem noites ardentes com a heroína. A heterodiscursividade deste novo trecho reforça o quanto Ísis é uma personagem que não hesita em ajudar quando necessário, mesmo que isso signifique desafiar seu Corregedor. Trata-se aqui o “corregedor” como uma figura de poder temida, algo muito parecido com a culpa cristã nascida do discurso sobre a “ira de Deus”; isso é o que Bakhtin chamaria de satirização da figura de poder, veja que mesmo o objetivo não seja criar uma sátira humorística, dentro do constructo polifônico da narrativa surge essa nova figura satirizada, a partir de constructos sociais modernos, a qual é temida, o que pode ser interpretada a uma clara analogia a chefes abusivos e que perseguem seus funcionários por conta de crenças e propósitos pessoais. A narrativa apresenta esta figura, tal qual um fantasma, um monstro a ser temido, um alguém impositivo e abusivo.

O que para a protagonista, mesmo tendo de lidar com possíveis, fortes consequências como o encarceramento, uma punição aplicada pelo uso de magia não autorizado, não é um motivo suficientemente forte para fazê-la abandonar sua crença axiológica do mundo. Um ato responsável não indiferente do não álibi da personagem (Sobral, 2019).

Neste ponto da narrativa, todo esse “altruísmo” e senso de justiça da personagem, tende a provocar o leitor – a todo instante – a refletir “e se fosse comigo?”, é óbvio que nem todos os leitores têm tal leitura da obra, mas aqueles com um senso social mais crítico provavelmente o farão, como aponta Manguel:

A força de uma metáfora pode ser avaliada tanto por sua capacidade de evocar a ideia que está na sua origem como por sua capacidade de enriquecer e contaminar outras ideias. A metáfora do mundo como livro confirma adequadamente nossa impressão de que o espaço ao nosso redor comporta significado e de que cada paisagem conta uma história, iluminando o ato da leitura com o sentido de decifração não apenas das palavras na página mas do próprio mundo. (Manguel, 2017, p. 59)

Contando com essa perspectiva de recepção que Chiovatto busca provocar seu leitor, nessa brecha interpretativa de sua obra. A autora possui uma tendência em criar analogias para tratar de problemas, em todos os momentos que consegue, do que aqui iremos colocar como “mundo real” ou melhor, mundo não ficcional. “A partir de uma metáfora identificadora básica, a sociedade desenvolve uma cadeia de metáforas. O mundo como livro se relaciona com a vida como viagem, e desse modo o leitor é visto como um viajante, avançando através das páginas desse livro.” (Manguel, 2017, p. 11); a realidade do leitor, ou uma das muitas realidades. Sendo assim, Ísis encontra-se com um segundo caso em suas mãos, ávida ajudar, por seu senso de justiça ela parte em busca de respostas, o tema do desaparecimento relacionado à violência doméstica, especialmente envolvendo uma criança, é um tema sensível e relevante, que pode atrair a empatia do leitor – uma das muitas provocações que a autora propõe ao leitor, e Chiovatto faz muito isso, a toda hora trabalha essas pequenas provocações reflexivas que exigem uma leitura para além da tradicional, induzindo uma jornada crítica a partir da leitura de sua obra.

A linguagem coloquial e direta é uma forte característica da narrativa que reflete o cenário urbano e contemporâneo, os diálogos são realistas e contribuem para o desenvolvimento da trama das personagens. Em determinado momento o texto de Chiovatto

também faz uma breve referência à cultura e religião, com Ísis e Helena mencionando "macumbas" e "orixás", todavia de uma maneira extremamente respeitosa. Essa menção adiciona profundidade cultural ao cenário, mas também indica que a personagem de Ísis pode ter habilidades ou conhecimentos especiais.

A autora segue uma consistência em sua narrativa e estica a problemática da perseguição às religiões não cristãs que são estigmatizadas, movendo o foco de luz a questões do preconceito contra religiões de matriz africana, a introdução de elementos culturais e religiosos, juntamente com os conflitos e relações entre os personagens, cria um potencial para explorar questões mais profundas ao longo da história. O heterodiscurso da escrita, uma narrativa fluida concisa, o que facilita a compreensão do leitor e a linguagem coloquial, com diálogos realistas, contribui para a autenticidade da narrativa, provocando esse movimento empático do leitor; de maneira muito direta Chiovatto introduz elementos culturais e religiosos, como o candomblé, que acrescentam profundidade à história e exploram questões de crença e identidade; isso enriquece a trama ao oferecer perspectivas diferentes. A narrativa carrega consigo a possibilidade de fazer uma infeliz analogia entre a caça as bruxas e a perseguição religiosa contemporânea, abrindo margem para a seguinte questão: teria a caça às bruxas realmente terminado, ou apenas se mascarou perante a sociedade e evoluiu com o tempo? Gonzatti aponta nesta direção quando afirma que:

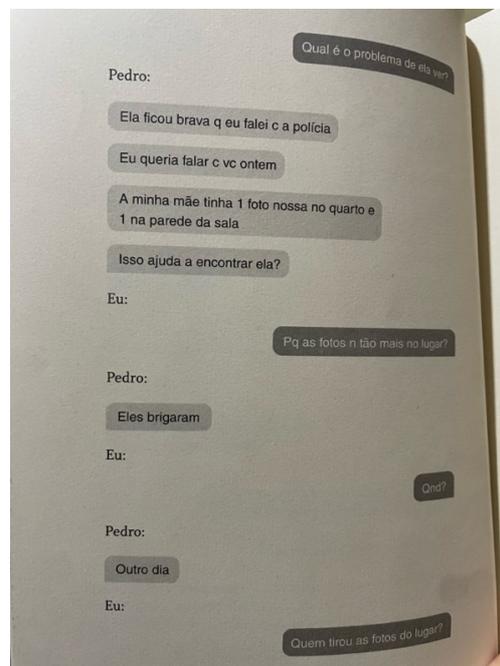
O período de perseguição histórica em relação às bruxas é também contexto em que o popular se constitui como cultura, que passa, também, a sofrer enfrentamentos a partir de uma outra cultura que se coloca como melhor. Uma disputa que constitui a marca entre periferia e centro. Parte da destruição de templos, dos objetos, das formas iconográficas de deuses e deusas, da obliteração das práticas, ritos costumes e devoções, da desnaturalização ou da deformação das mitologias e das temáticas folclóricas, uma tentativa de controlar aquilo que vem de baixo, principalmente do corpo que, através da boca, do nariz, das genitálias, dos seios, do cu comunica-se com o mundo. (Gonzatti, 2022, p. 99)

Essa nada mais é que uma analogia satírica criada por Chiovatto para instigar a leitura crítica de seu leitor: será que estaria a sociedade contemporânea tão distante do século XVII, quando mulheres eram queimadas por serem viúvas ou simplesmente por saberem fazer um chá? O mundo na visão artística da autora não se ordena simplesmente por elementos espaciais e temporais, mas também pelo sentido (Bakhtin, 2011).

O argumento narrativo trabalhado pela autora é essa transposição de lugares, um entrelaçamento de lugares e experiências entre o eu e o outro, uma viagem literária que conduz o leitor a uma troca de realidade, mesmo que momentânea, colocando o outro em perspectiva e despindo o leitor de preconceitos socioculturais com uma narrativa quase argumentativa.

Outro recurso heterodiscursivo compõe a obra estrategicamente com o objetivo de criar uma narrativa polifônica contemporânea e criar uma aproximação do outro e provocá-lo, é a utilização de elementos visuais que simulam uma troca de mensagem entre personagens para trazer a narrativa para essa ambientação urbana e cotidiano, ocorrem entre as páginas 39 e 43 do livro (Figura 01), o que seria mais contemporâneo do que uma troca de mensagens? Bakhtin chama isso de uma “consciência linguística socioideológica concreta”, quando o autor de uma obra se utiliza de recursos linguísticos para envolver o leitor em suas ideias. “A unidade da linguagem literária não é a unidade de um sistema de línguas fechado, mas uma unidade profundamente original de “línguas” que entraram em contato e tomaram consciência umas das outras [...]” (Bakhtin, 2020, p. 71).

Figura 1 – Diálogos em mensagens



Fonte: Foto acervo pessoal da página 42 de PB “diálogos em mensagens”

A autora se utiliza de uma abordagem multifacetada em sua narrativa para envolver o leitor e provocar reflexões sobre questões contemporâneas, como o preconceito religioso, a perseguição às minorias, a busca pela justiça e a complexidade das relações humanas. Ela tece uma trama que mistura elementos sobrenaturais, culturais e religiosos com a vida cotidiana em uma São Paulo em constante mudança, além disso, mantém sua parte no pacto do leitor enquanto escritora, explicando alguns pontos das narrativas e limites da magia de Ísis. Como na passagem na qual a personagem encontra-se na delegacia da mulher e vê uma jovem prestando queixa contra o namorado abusivo, e então, através de uma autorreflexão do ato, Ísis reflete nas consequências em se vingar por todas as mulheres que sofreram violência contra os homens que as violentaram; bem como o leitor já sabe, por Ísis ter poderes, seria uma “luta” injusta, o que faria com que a “terra” tirasse os poderes da bruxa. Ou seja, mesmo com poderes mágicos ilimitados, a própria personagem tem suas limitações, o que de certa maneira a aproxima do leitor deixando-a mais humana.

Em todo caso, é muito interessante essa analogia proposta pela autora, em que a “terra” aqui posta como uma entidade toda poderosa, teria o poder de punir aqueles que abusam da magia de certa forma; o que claramente é uma redefinição de paradigmas já propostos na sociedade não literária do leitor, que cresce em um paradigma social cristão onde a imagem da terra é substituída por “Deus”. Voltemos aqui com as reflexões do senhor russo, Bakhtin (2020), que propõe uma autoconsciência do ser humano do não álibi, de que todo aquele que se compromete com o ato responsável de sua própria existência, se compromete com o ato responsável do não-álibi; que basicamente se resume em tomar as decisões axiologicamente corretas, de acordo com a crença do indivíduo, em prol de um bem comum – em outras palavras, fazer o certo quando ninguém está olhando.

Porém, essa visão de mundo proposta por Bakhtin como aponta Sobral (2019), apoia-se muito na consciência responsável do ato, do todo de um indivíduo, o que sinceramente soa um tanto quanto inocente; até porque sempre que se fala em “não-álibi”, talvez muitos, assim como eu, pensam na corrupção humana e em como esse é um conceito antagônico e relativo ao comportamento humano.

Chiovatto (2023), ao narrar a história de Ísis em primeira pessoa, permite que o leitor entre na mente da protagonista, compreendendo suas emoções, pensamentos e perspectivas

personais. Ou seja, entendam o eu e a motivação de seu ato responsável de seu todo individual; como proposto por Bakhtin. Isso cria empatia e torna mais impactante a jornada da personagem, que se envolve em casos misteriosos enquanto lida com suas próprias questões pessoais. Afinal, o leitor sente-se parte desse todo individual, pois ele é parte desse todo, mesmo que dentro do seu papel individual enquanto leito.

A construção de suspense e exploração de temas como o trauma, abuso de poder e importunação sexual, mesmo que de forma indireta, utilizando-se de estratégias linguísticas como analogias direta/indireta a abuso sexual e suas sequelas como o trauma são explorados de maneira respeitosa pela autora em sua obra. A importância dessa cena e interpretação por parte do leitor eleva a obra ao patamar de discussão social para com o leitor, o qual, se chegou até este momento da narrativa não poderá mais ignorar as constantes provocações da autora em refletir de maneira crítica aos problemas sofridos por mulheres (e outras minorias) no cotidiano atual. Bakhtin afirma que “os estudos literários devem estabelecer o vínculo mais estreito com a história e cultura.”; pois, seria a literatura parte indissociável de uma cultura, pertence ela a caracterização da época em que foi concebida de um povo. (Bakhtin, 2011, p. 360)

Posto isto, quando a autora retrata Ísis como alguém que sofreu um abuso, mesmo que telepático (mental), a coloca em uma perspectiva contemporânea com a realidade do mundo não literário. Outra coisa são as perspectivas polifônicas do texto, que retrata os próprios conflitos da protagonista, simultaneamente, ao conflito com outras personagens revoltados com a situação, mas em uma posição de quem nada pode fazer nesta situação, emulando no leitor uma sensação de impotência. Essa, sem dúvida é mais uma das inúmeras provocações que Chiovatto faz ao seu leitor.

Num todo PB, tende a entreter e provocar constantemente seu leitor, uma estratégia comumente utilizada por romancistas, afinal, “uma obra não pode viver nos séculos futuros se não reúne em si, de certo modo, os séculos passados.” (Bakhtin, 2011, p. 363); aqui Bakhtin toca em uma das principais feridas da literatura contemporânea, e constatando que a literatura não deve ser a escrita de si para si mesmo, mas sim compor um todo singular muito maior. Com um importante papel sociocultural, por vezes de entreter, mas mais do que isso debater estruturas sociais estabelecidas, questioná-las e até quem sabe mudá-las.

5 O leitor literário contemporâneo em perspectiva ao leitor crítico

A realidade é que as obras literárias têm um papel essencial de formação em uma sociedade. Reis (1992) tem um forte posicionamento quanto a isto, onde na ocasião afirma que a literatura, principalmente quando se fala em cânone literário, é utilizada como uma ferramenta, uma manobra social para privilegiar certas narrativas e pintar como “bons moços” a quem interessa ao sistema que se encontra no poderio socioeconômico. Posto isso, é interessante refletir sobre um comportamento social muito comum do brasileiro, um comportamento quase que intrínseco, de questionar, ou até mesmo – na realidade em sua maioria – diminuir obras que fogem desse *golden cricle* que é o cânone literário; não por menos, é de se presumir que, mesmo trazendo questões de extrema relevância e de impacto social profundos, como a violência contra a mulher, abuso de menores, e/ou abuso sexual (o que acaba por aparecer como um ponto revelador, que explica o cerne de personagem na obra de Chiovatto), há uma tendência forte e encorajada por um sistema que busca silenciar minorias a descredibilizar e invisibilizar obras de teor “fantástico”, como as da autora citada.

Todavia, são obras como esta, que quebram paradigmas e nadam contra a corrente, que tendem a revolucionar um momento cultural da literatura, foi assim com grandes nomes da literatura, como Machado de Assis, Murilo Rubião, Julia Lopes de Almeida e tanto outros nomes. O que este argumento tem como objetivo firmar, é de que, uma obra, principalmente aquelas que fogem do cânone, daquilo tido como “alta literatura”, as obras que se encontram à margem da sociedade, são elas que encontram leitores ávidos a serem provocados a uma leitura crítica; até porque, leitores críticos, aqueles que estão cansados de um conservadorismo hipócrita, vazio e raso estão cansados de verem mais do mesmo, são leitores ávidos a verem a si mesmos nas obras.

O leitor contemporâneo, aquele que vive os embates sociais do cotidiano que toda e qualquer minoria enfrenta, quer se ver representado nas obras que consomem, pois, para uma criança negra, um homem trans, uma mulher lésbica é impossível se conectar com um protagonista branco cisgênero e que se esforça minimamente para salvar o mundo. E é exatamente nisto que a obra de Chiovatto se apoia, em desafiar e quebrar os paradigmas impostos por um cânone construído por homens brancos; uma revolução literária aponta no horizonte e autoras como Chiovatto serão os líderes desta revolução crítica literária.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Editora Contexto, 2017.
- BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. 2 ed. Campinas: Editora Unicamp, 2008.
- CHIOVATTO, Carol. **Porém, bruxa**. Rio de Janeiro: Suma Editora, 2023.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. 2. ed. São Paulo: Elefante, 2023.
- GONZATTI, Christian. **Pode um LGBTQIA+ ser super-herói no Brasil?** Salvador: Devires, 2022.
- ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1996.
- ISER, Wolfgang. A interação do texto com o Leitor. *In*: ISER, Wolfgang. **A leitura e o leitor: textos de estética da recepção**. Seleção, coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. p. 83-132.
- MANGUEL, Alberto. **O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017. E-book.
- REIS, Regis. **Cânon**. *In*. JOBIM, José Luis (org.). **Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. p. 65-92.
- SOBRAL, Adail. **A filosofia primeira de Bakhtin: roteiro de leitura comentado**. Campinas: Mercado de Letras, 2019.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.